

RUA ESMERALDO TARQUINIO

ANPU 1. 1608-1

Decreto nº 7744 de 13-05-1983

Formada pela rua 9 da Vila I.A.P.I.

Início na rua José Vaccaro

Término na rua Alamir Carneiro

Vila I.A.P.I.

Vila Teixeira

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 6.840 de 15-03-1983, em nome de Prefeitura Municipal de Campinas.

ESMERALDO TARQUINIO

Esmeraldo Soares Tarquinio de Campos Filho, nasceu em São Vicente, neste Estado, em 12-abril-1927 e faleceu em Santos, em 10-novembro-1982. Era filho de Esmeraldo Soares Tarquinio de Campos e Iracy Moura de Campos e foi casado com Alda Tarquinio de Campos, deixando dois filhos: Esmeraldo Junior e Débora. Como seu pai, Esmeraldo foi aprendiz de gráfica, de marceneiro, office-boy, mensageiro e balconista. Fez o primário em São Paulo e em Santos. A seguir concluiu o curso do Comércio e depois o de técnico em Contabilidade. Aluno-fundador do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos ali se formou em inglês. Bacharelou-se em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e formou-se em jornalismo em Santos. Durante quatro anos fez pós-graduação. Foi professor universitário e palestrista universitário e jornalista da TV Excelsior e TV Bandeirantes. Para custear parte de seus estudos, foi cantor de orquestra e pequenos conjuntos populares em São Paulo e em Santos. Ingressou na política em 1946, no Partido Social Progressista. Foi vereador à Câmara Municipal de Santos, deputado estadual e prefeito eleito da cidade de Santos, que não tomou posse por ter sido cassado pelo Ato Institucional do governo Costa e Silva. Em 1967 foi escolhido o melhor deputado do ano. Foi agraciado com mais de cem títulos, diplomas e medalhas, ressaltando-se a de Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique, da Marinha de Portugal, e, apesar de ser negro, as de cidadão honorário de Springfield, Illinois, Kentucky, Nashville, Tennessee, todos dos Estados Unidos. É considerado o maior líder político de Santos, de todos os tempos.

ccar

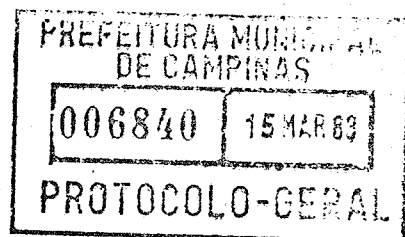


Prefeitura Municipal de Campinas

Campinas, 11 de março de 1983



À
COAR
AT. Dr. Mauro Alves dos Santos
NESTA



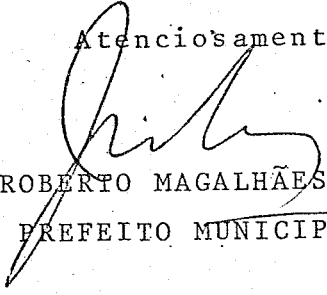
Prezado Senhor:

Solicito a V.Sa., as providências necessárias, no sentido de ser fornecida certidão gráfica e descrição de uma via pública, para receber o nome de ESMERALDO TARQUINO.

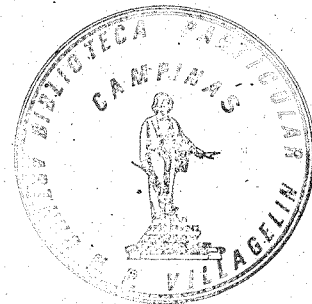
Feita a indicação, o presente protocolado, deverá ser encaminhado à Secretaria dos Negócios Jurídicos para o competente decreto.

Na oportunidade, subscrevo-me

Atenciosamente


JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
PREFEITO MUNICIPAL

RUA ESMERALDO TARQUINIO



DECRETO N.º. 7744 DE 13 DE MAIO DE 1983.

DENOMINA "ESMERALDO TARQUINIO" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual n.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1º. - Fica denominada "RUA ESMERALDO TARQUINIO" a Rua 9 da Vila I.A.P.I., com início na Rua 6 e término na Rua 12 do mesmo loteamento.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 13 de maio de 1983.

JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
Prefeito Municipal

NEIDE CARICCHIO
Secretária dos Negócios Jurídicos

AUGUSTO FERNANDO BARROS PIMENTEL FILHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos com os elementos constantes do protocolado n.º. 6840, de 15 de março de 1983, em nome da Prefeitura Municipal de Campinas, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 13 de maio de 1983.

DISNEI FRANCISCO SCORNAIENCHI
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito

Decreto nº 7744 de 13-maio-1983

Nosso último prefeito eleito



Jornalista e advogado, Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho foi o último prefeito eleito de Santos. Isso ocorreu a 15 de novembro de 1968 quando concorreu pelo extinto MDB, recebendo 45.210 votos, que representavam 34,7 por cento do eleitorado. Mas não chegou a tomar posse: no dia 13 de março de 1969, ele foi cassado pelo AI-5, 48 horas antes de assumir o cargo.

Seus direitos políticos foram cassados pelo então presidente Costa e Silva e, com a anistia em 1979, Tarquínio reassumiu postos de lideranças no MDB. Depois da reforma partidária, foi eleito presidente do Diretório Santista do PMDB. Quando o presidente Figueiredo prometeu devolver a autonomia política da cidade, seu nome foi logo lembrado para disputar a Prefeitura. Sem a prometida autonomia, ele candidatou-se a deputado estadual.

Na política, Tarquínio começou em 1959 como vereador, pelo Partido Socialista Brasileiro. Foi deputado estadual de 62 a 66, primeiro pelo Movimento Trabalhista Renovador e depois pelo Movimento Democrático Brasileiro.

Esmeraldo Tarquínio nasceu a 12 de abril de 1927 em São Vicente. Seu pai, também jornalista, morreu quando ele tinha 7 anos de idade e, por causa da situação financeira, a família mudou-se para São Paulo. Aos 8 anos tornou-se aprendiz de marceneiro e fazia seus estudos no Grupo Escolar Eduardo Prado. Depois foi trabalhar como auxiliar de gráfico e, em 1937, mudou-se para Santos.

Foi contínuo da redação e oficina no Jornal da Noite de propriedade de Mário Amazonas. Deste emprego, foi para a agência de mensagens e em seguida, para o escritório do advogado Cleóbulo Amazonas Duarte como "boy" para ganhar 50 mil réis. Ele tinha 10 anos e também fazia uns extras no Fórum a convite de Paulo Gascon, que era escrivão da 1.ª Vara. Um dia, depois de uma mariscada à americana no Restaurante Balrada, regada a vinho tinto ganhou em um parque de diversões, perdeu a hora e recebeu o bilhete azul.

A 25 de outubro de 1938, recebeu um cartão chamando-o de Senhor Esmeraldo. Era de João Antonio Mendes, comerciante de livros e lá além de entregador e vendedor ele ad-

quiriu conhecimentos que o ajudaram inclusive a aprender inglês. Em setembro de 39, começou a trabalhar com o advogado Alvaro da Cunha Parente ganhando 140 mil réis. Em 1944, foi para o escritório de despachos aduaneiros de Olímpio dos Santos Lima para ganhar 250 mil réise, em setembro de 45, para o escritório, também de despachos, de Domingos Pierri, para receber 450 cruzeiros.

Tarquínio também trabalhou para a firma Ennor E Cia, cujo despachante era Henrique de Araújo e ainda com João Mazeli. Em 1948, formou-se contador no José Bonifácio e fez curso no Centro Cultural Brasil-Estados Unidos. Favorecido por uma lei de Dutra em 50, fez um cursinho e prestou vestibular para a Faculdade de Direito de Niterói e, a partir de 1957, abandonou todos os empregos dedicando-se exclusivamente à advocacia. Posteriormente, formou-se jornalista pela Faculdade de Comunicação de Santos. Casado com Alda Terezinha Tarquínio de Campos, tinha dois filhos: Esmeraldo e Débora.

VIDA POLÍTICA

A carreira política de Tarquínio começou em 1945, quando Getúlio Vargas caiu e ele ingressou no Partido Social Sindicalista. Em 1954, Jânio Quadros candidatou-se a governador e contou com Tarquínio ao seu lado, atuando pelo Partido Socialista Brasileiro.

Em 1959, ele teve seu primeiro sucesso nas eleições conseguindo eleger-se vereador em Santos com 689 votos, o primeiro colocado na legenda do PSB. Apoiado pela Ação Socialista e pelo Movimento Trabalhista Renovador, de Fernando Ferrari, disputa em 1962 um lugar na Assembléia Legislativa. Torna-se deputado com 7.192 votos.

Seu objetivo maior, no entanto, é a Prefeitura de Santos que ele tenta alcançar em 1965. Consegue 34.436 votos mas é derrotado por Silvio Fernando Lopes. Um ano depois, é reeleito para a Assembléia Legislativa com 35.520 votos.

Em 1968, consegue eleger-se prefeito santista e passada a euforia pela vitória, apontava as soluções: "é preciso mentalidade nova e humilde. Pretendemos criar novos setores no mercado de

trabalho, incrementar a hotelaria, aparelhar a cidade para atrair e saber hospedar, montar a infra-estrutura que ainda não temos para o turismo.

"É preciso também fixar o santista na Baixada, evitar seu êxodo, através de trabalho farto e bem pago. E, ainda, condições de moradia, de acordo com o conceito de dignidade humana apontado pelas encíclicas papais. Para isso, precisamos do apoio dos

governos estadual e federal. E não nos preocupemos com mesquinhas questões de ordem partidária. Por último, a Prodesan, apoiada por 72 por cento da população deve, agora, receber maior ajuda do capital privado. E digo: ela vai ser posta nos trilhos".

AI-5 DERRUBA SOLUÇÕES

Mas os planos ficaram apenas no papel. Dia 13 de março de 1969, Tarquínio foi cassado pelo AI-5, tendo ainda seus direitos políticos suspensos por 10 anos.

Ele que havia sido eleito prefeito com 45.210 votos, recebeu a notícia de cassação no Clube XV e, em sua companhia, estava o vice-prefeito eleito, Oswaldo Justo que, de imediato, tomou a decisão de não assumir a Prefeitura. Com Tarquínio, eram afastados da vida pública mais 95 políticos nacionais, sem qualquer explicação oficial do Governo.

Antes no entanto desta notícia, ele fora recebido juntamente com outros 28 prefeitos e autoridades municipais de 13 países latino-americanos pelo presidente Johnson, na Casa Branca. Nesta viagem, Esmeraldo participou do XII Congresso Interamericano de Municípios.

Há pouco mais de um ano, logo após a promessa de devolução da autonomia a Santos, feita pelo presidente Figueiredo, Tarquínio dizia à imprensa que era candidato à convenção de seu Partido, o PMDB, buscando ser indicado candidato a prefeito em 1982. "Não se trata de ambição pessoal — afirmava — mas tenho sido interpelado nas ruas até de maneira veemente. Mandei checar inclusive e vejo que há um desejo popular respeitável no sentido de que eu venha a ser candidato". A autonomia não veio e ele saiu candidato a deputado estadual. A morte o surpreendeu cinco dias antes das eleições. Para ele, no entanto nada mais natural, pois dizia, parafraseando Charles Wagner: "os mortos governam".

RUA ESMERALDO TARQUINIO

Decreto nº 7744 de 13-maio-1983



"Tarquínio. Nossa homenagem maior será a conquista da autonomia". A faixa estendida sobre o ataúde de Esmeraldo Tarquínio, cujo corpo foi velado, ontem, no Ginásio Athié Jorge Coury, do Santos F.C. refletiu, de fato, os anseios de milhares de pessoas que foram dar seu último adeus àquele que foi o grande, senão maior, líder político da Baixada Santista. Marcado por um clima emotivo e de consternação, o velório de Tarquínio aglutinou representantes de todos os segmentos sociais, desde os mais humildes aos mais elitizados.

A morte de Esmeraldo foi uma perda irreparável, que extrapolou os limites do município para alcançar todo o Estado e o País inteiro. Políticos de diferentes partidos; empresários, sindicalistas, operários e populares em geral, acotovellaram-se no ginásio, na ânsia do derradeiro olhar a Tarquínio. Cerca de quatro mil pessoas permaneceram postadas nas arquibancadas do ginásio, até o momento em que o caixão foi levado para o Cemitério do Paquetá, às 17 horas. Fora a presença fixa, milhares de admiradores de Tarquínio entravam e saíam constantemente do local onde seu corpo era velado.

Ao redor do caixão, foram colocadas dezenas de coroas de flores, numa homenagem de entidades representativas de todos os setores da cidade. A certa altura, o ginásio tornou-se pequeno para abrigar todos seus admiradores. Mudavam os rostos. Porém, permanecia o semblante consternado e penoso em todos os que compareceram ao velório. Principalmente quando a esposa de Esmeraldo, dona Alda Tarquínio, foi retirada do ginásio, acometida de forte crise de choro. Neste ponto, os mais resistentes não suportaram e começaram a chorar.

Esmeraldo Tarquínio deixou saudades como homem, amigo e político. Esta verdade incontestada foi evidenciada ontem. Alguns companheiros de partido, como o deputado estadual Rubens Lara e o candidato a deputado Marcos Aurélio Milani, inconsoláveis, não tinham condições para prestar qualquer declaração sobre o falecimento de Tarquínio. Houve até quem lembrasse, como o candidato a deputado federal pelo PMDB, Mário Covas, que Tarquínio seguiu seguramente para um lugar onde suas virtudes e direitos terão a devida consideração.

OBSTÁCULO INTRANSPONÍVEL

De fato, acostumado às adversidades da vida e do próprio regime, que lhe cassou os direitos políticos, Esmeraldo Tarquínio não conseguiu transpor o seu maior obstáculo. O aneurisma cerebral de que foi vítima teve uma força maior do que todas as arbitrariedades lançadas sobre ele. Ficou, porém, a saudade, a lembrança e a memória de um homem que sempre soube manter uma postura reta e digna.

Seu filho, Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho, chegou ao velório por volta das 16 horas. Embora profundamente emocionado, manteve-se sereno. Entretanto, ao ser abraçado por Fausto Figueiras de Mello, vice-presidente da Associação dos Médicos de Santos, foi abalado por forte crise de choro. A partir deste momento, a cada cumprimento de pésames, a cena repetiu-se, até a hora em que o ataúde do pai foi levado para o caminhão do Corpo de Bombeiros. Eram exatamente 17 horas.

*SALVA DE PALMAS

Assim que o caixão de Tarquínio, carregado

pelo filho, amigos e familiares, surgiu na Rua Princesa Isabel, os populares que se concentravam nas proximidades o receberam com emocionada salva de palmas. Envolto pelas bandeiras do município e do Santos F.C., no qual o político presidiu o Conselho Deliberativo, no período de 1978 a 1981, o ataúde foi içado para a parte superior do caminhão. Eram 17h5. Foi o suficiente para uma nova ovação dos populares.

Quando o cortejo fúnebre iniciou-se, uma multidão incalculável posicionou-se na retaguarda e na parte lateral do caminhão, a esta altura com a sirene ligada. A medida em que o féretro percorria o itinerário em direção ao Cemitério do Paquetá, mais gente se misturava às milhares de pessoas que seguiam a pé. O cortejo seguiu pela Rua Princesa Isabel, alcançando a Avenida Bernardino de Campos e em seguida a Avenida Waldemar Leão. Dali, atravessou o túnel e percorreu a Avenida São Francisco até chegar ao cemitério. O trajeto levou exatamente 1h30. Centenas de pessoas aguardavam o corpo de Tarquínio junto à campa 67, do jazigo 17, onde foi enterrado. Não hesitaram em saudar o féretro com nova emocionada salva de palmas.

SEPULTAMENTO

Eram 18h34, quando a câmara mortuária de Tarquínio baixou à sepultura, ao som de sua música predileta, "Star Dust", executada pelo saxofonista Luis Sperandéo, advogado e seu companheiro de apresentações musicais. Tanto os familiares de Tarquínio como seus amigos choravam muito. Na realidade, foi um momento emocionante. Na hora em que o caixão começou a ser coberto com placas de cimento, pelos trabalhadores do cemitério, enquanto o saxofonista executava diversos blues que Tarquínio admirava, a emoção atingiu o clímax. Ramalhetes de flores de todas as espécies eram lançadas sobre a campa.

Depois, todos rezaram o Pai Nosso, ao passo que as últimas pás de massa de cimento eram depositadas sobre o caixão. "A tua luta não terminou", gritavam os mais emocionados. Um amigo começou a cantar diversas músicas afro-americanas e afro-brasileiras, a exemplo do que fizera durante o cortejo fúnebre.

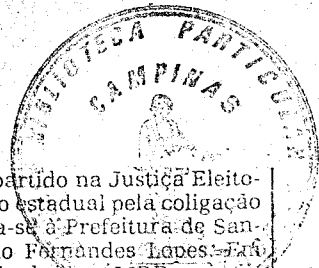
Coube ao presidente da Subseção de Santos da OAB, Sérgio Sérvalo da Cunha, a homenagem final a Esmeraldo Tarquínio. "Esmeraldo — disse — não é este o lugar para onde nós queríamos te conduzir. No momento em que você encontra finalmente a paz e olha para o Criador, o povo de Santos está aqui reunido para te dizer que nós estamos começando de novo, mais uma vez. Porque aquilo que dá sentido à vida também dá sentido à morte".

Acrescentou ainda que "a vida não terminou. Você, Tarquínio, apenas passou para o outro lado, para o lado da corrente, de onde assistirá a nossa luta, ao lado daqueles que tombaram como você".

"Não te trouxemos — disse Sérvalo da Cunha — para o lugar que queríamos ver. A terra que o recebe não é uma poltrona. É a terra generosa de Santos que você tanto amou. Terra que perde um pouco de seu coração: esse coração que há de continuar vibrando conosco. Sabemos que as chamas do seu ideal não se apagaram. Que a terra seja leve como os sonhos que para nós sonhastes", concluiu Sérvalo da Cunha. Ao seu lado estavam o deputado estadual Emílio Justo; os candidatos a deputado estadual, Marcelo Gato e Nelson Fabiano e a cadeira do Senado, Almino Afonso, além de outros políticos.

anpv/07/83

(Extraído do jornal "Cidade de Santos", de Santos (SP),
página 6, do dia 11-novembro-1982)



O homem e a vida

Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Filho nasceu em São Vicente, aos 12 de abril de 1927, filho de Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos e Iracy Moura de Campos, já falecidos. Foi batizado a 2 de julho daquele ano, na Matriz de São Vicente-Mártir, tendo como madrinha a veneranda vicentina Irene (Nenê) de Freitas Fernandes.

Seu pai, baiano de Salvador, que faleceu quando ele tinha 7 anos, ex-gráfico, trabalhou no jornal vicentino *O Progresso*, onde contraiu a tuberculose que o matou. Fez seus primeiros estudos (Curso Primário) no Grupo Escolar Eduardo Prado, em São Paulo (1935/36) e na Escola Municipal Auxiliadora da Instrução (Santos), entre 1937/38. No ano seguinte ingressou na Escola Profissional D^a. Escolástica Rosa, onde concluiu o Curso de Auxiliar de Comércio (1941). Na Escola de Comércio José Bonifácio (1942/48) fez o curso de Técnico em Contabilidade.

Aluno-fundador do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos, recebeu ali (1946/1950) os ensinamentos de Inglês. Coursou Ciências Jurídicas e Comerciais na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1951/55), e Jornalismo na Faculdade de Comunicação de Santos, entre 1971 e 1974. Fez Pós-Graduação em Direito Tributário, Direito Autoral, Direito de Estado (Ciência Política), Direito de Navegação Marítima e Aeronáutica, na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, entre 1975 e 1977. Na Faculdade Católica de Direito de Santos especializou-se, em grau de pós-graduação, em Teleeducação, Direito Processual Civil, Direito Constitucional e Direito Administrativo.

ORIGEM HUMILDE

Como o pai, Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos foi aprendiz de gráfico (1935) e, depois, aprendiz de marceneiro (1937). Em seguida trabalhou como menino de escritório dos advogados Cleóculo Amazonas Duarte e Álvaro Parente, de 1937 a 1944. Foi mensageiro e balconista da conhecida Livraria Mendes, na época (1944) frequentada pela intelectualidade santista, e talvez daí tenha nascido o seu gosto pela leitura e o incontido desejo de estudar e aprender. No mesmo ano (1944) foi trabalhar num escritório de despachos aduaneiros, como auxiliar, chegando a adjuante de despachante aduaneiro em 1956, quando se formou em Direito. Suas primeiras atividades como bacharel foram com o advogado Luciano Barbosa, a quem se associou em 1957, até 1961, permanecendo desde então independente.

Professor universitário, como auxiliar de docência na Faculdade de Comunicação de Santos, de 1976 a 1979, Esmeraldo Tarquínio foi também palestrista universitário, a partir de 1979. Para custear parte dos estudos, foi cantor de orquestras e conjuntos populares na Capital e em Santos.

Seu ingresso na vida política foi em 1946, fundando, com outros universitários, o Diretório Estudantil do Partido Social Progressista (PSP), do qual foi o 1º presidente.

PREFEITO ELEITO

Esmeraldo pertenceu ao Partido Social Sindicalista, por indicação do advogado Álvaro Parente, a quem acompanhou na demissão, em 1949. Ingressou no Partido Socialista Brasileiro (PSB), em 1950, pelo qual foi eleito vereador à Câmara Municipal de Santos em outubro desse ano.

Em 1960, acompanhou o professor Alípio Correa Netto na cisão então ocorrida no PSB, participando da fundação da Ação Socialista. No mesmo ano, participou da fusão da Ação Socialista com o Movimento Trabalhista Renovador, comandado por Fernando Ferrari,

conquistando o registro desse partido na Justiça Eleitoral. Em 1962 foi eleito deputado estadual pela coligação MTR-PTN. Em 1965 candidatou-se à Prefeitura de Santos mas é derrotado por Sílvio Fernandes Lopes. Em 1966 é reeleito deputado estadual, já no MDB, pois foram extintos os partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2. Obteve, nesse pleito, a quarta maior votação do Estado de São Paulo e a terceira maior dentro do MDB. Dois anos depois, em 1968, volta a candidatar-se à Prefeitura de Santos, conquistando a vitória por consagrada votação. Em 13 de março de 1969, prefeito eleito e aguardando a posse para dali a um mês, teve cassado o mandato na Assembléia Legislativa e os direitos políticos suspensos por dez anos.

UM BATALHADOR

Foi líder da bancada do MTR na Câmara Municipal de Santos, de 1960 a 1962, e líder da bancada do governo José Gomes, em 1962, a quem defendeu para que pudesse ser empossado na Prefeitura, quando da morte trágica de Luís La Scalla, com quem José Gomes fora eleito vice-prefeito.

Foi também líder da bancada do MTR na Assembléia Legislativa de São Paulo, entre 1963 e 1964. Por ocasião do movimento que derrubou o Governo João Goulart, manteve-se na Oposição, fiel aos seus princípios político-ideológicos, o que lhe valeu a malquerença do sistema político que tomou conta do Brasil na época. Em 1967 foi escolhido como O MELHOR DEPUTADO DO ANO, pelo pelos jornalistas políticos credenciados na Assembléia Legislativa.

Foi agraciado com muitos títulos, o primeiro dos quais Cidadão Honorário de Ferraz de Vasconcelos (8SP), seguindo-se Cidadão Honorário de Springfield, Illinois (EUA), Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique da Marinha de Portugal, Medalha de Patriarca da Independência do Brasil, Medalha dos Ex-Combatentes de 1932, Patrono da Associação dos Ex-Combatentes da Força Expedicionária Brasileira, Chave de Louisville, Kentucky (EUA), Chave da Cidade de Nashville, Tennessee (EUA) e Melhor Congressista Latino-Americano no Congresso Municipalista de Nova Orleans, Louisiana (EUA), onde recebeu escolha unânime. Possui diplomas honoríficos de mais de 100 associações culturais, beneficentes, científicas e políticas.

Foi maçom, iniciado na A.R.B., Loja Maçônica José Bonifácio, sob nº 20, desde 26 de julho de 1958, da qual se afastou por dez anos, enquanto perdurou a cassação de seus direitos políticos.

Na vida social e esportiva, foi membro dos conselhos deliberativos da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio, do Santos Futebol Clube, do Brasil Futebol Clube e do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos. Presidiu o Clube Hípico de Santos e participou, também, de diretorias e conselhos deliberativos do Saldanha da Gama, Regatas Santista, Caiçara Clube e Sociedade Italiana de Beneficência de Santos.

NA BAIXADA

Jornalista profissional, exerceu funções de comentarista dos noticiários da extinta TV Excelsior (Canal 9) e da TV Bandeirantes. Como deputado estadual, em 1963 impediu o desmembramento do Distrito de Bertogi do Município de Santos, derrotando projeto da bancada do PSD, que visava tomar de Santos extensão territorial quinze vezes maior que o distrito-sede. Da Câmara Municipal de São Vicente recebeu um cartão de prata, por ter lutado, ao lado do deputado Olavo Hourneaux de Moura, contra o desmembramento do distrito de Praia Grande.

Até a doença que o vitimou, apesar dos 55 anos de idade, praticava o futebol na várzea santista, integrando entre outros o time do Pombal Futebol Clube. Era o presidente do diretório municipal do PMDB, em Santos. Casado há 30 anos com Alda Tarquínio de Campos, deixa dois filhos, Esmeraldo Soares Tarquínio de Campos Júnior, e Débora Tarquínio de Campos.

Extraído de

anpv/07/83

A TRIBUNA

Santos, quinta-feira, 11 de novembro de 1982

Uma visão de Esmeraldo



Penso no destino dos homens e nas lutas que somos obrigados a travar, como um círculo que se repete eternamente. Por que será que alguns passam a vida inteira marcados profundamente por obstáculos que impedem sua trajetória, seu caminho?

E não tenho dúvidas: Esmeraldo Tarquinio foi vítima da sua própria integridade, sua honestidade, da fidelidade total aos seus princípios e, principalmente, sua confiança na bondade. Aqueles que são naturalmente bons acreditam que os outros também o são, e sofrem mais do que o normal quando são atacados de forma gratuita.

Esse sofrimento ficou patente nos últimos tempos, tempos em que estive em contato regular com Esmeraldo, por força da profissão e por amizade, acompanhando e trabalhando na sua campanha. E essa participação mais direta mostrou-me muitas coisas.

Primeiro, que Esmeraldo preocupava-se em rever seus pontos de vista, procurando sempre estar mais junto do povo que um dia o elegeu prefeito de Santos, o último prefeito eleito e que nunca chegou a tomar posse. Os anos de afastamento precisavam ser superados, o contato e o relacionamento com um novo tipo de eleitor precisava ser retomado de forma objetiva. Chegou até a analisar, depois de algumas conversas com amigos, o seu discurso, a forma de abordagem.

Depois, aprendi que a sua alma continuava do mesmo tamanho, talvez maior e até mesmo os "inimigos" (gratuitos, sim!) eram tratados com compreensão.

Mas vi também muitas coisas que gostaria de não ter tomado conhecimento. Fatos estranhos, atitudes mesquinhas, pressões incompreensíveis. Foi difícil conviver com o jogo de interesses, a dissimulação de

muitas pessoas, incluindo muitos membros do próprio PMDB. Esmeraldo foi acusado de omissão, covarde, ultrapassado e muito mais. E pior: pelas próprias pessoas que, na sua frente, falavam de forma melosa, inocente. As pessoas sensíveis costumam guardar muitas coisas internamente, principalmente as ofensas disfarçadas em elogios.

E ele acumulou muito, mais do que o suportável. Até que uma noite chorou na frente de alguns poucos amigos. Lágrimas de desânimo, por perceber que alguns julgavam a vaidade mais importante do que lutar por um futuro melhor para a população, que outros preocupavam-se apenas em alcançar maior número de votos do que ele, espalhar mais cartazes pelas ruas. E ainda o atacavam em várias oportunidades, tentando achar um ponto fraco.

Os boatos que circularam em Santos, desde a sua operação, foram simplesmente infames. Cabos eleitorais de outros candidatos encarregaram-se de "matar" Esmeraldo por diversas vezes. Agora, devem estar plenamente satisfeitos. A notícia de que ele havia falecido no dia 20 de outubro, no exato momento em que era operado, no Hospital Nove de Julho, foi passada a uma estação de rádio de São Paulo por membros de um comitê do próprio PMDB, em Santos. E os familiares escutaram, pelo rádio, a "morte" de Esmeraldo sendo anunciada.

Outros faziam o trabalho de espalhar que ele nunca mais poderia retomar sua carreira política, que seu cérebro estaria irremediavelmente perdido. Como eu próprio ouvi domingo, na praia, de pessoas que faziam campanha: "Não vota no Esmeraldo, não, ele já está morto, vota em fulano".

Falaram muitas outras coisas, inventando um sem-número de amantes, com testemunhas e tudo. Mesmo sabendo que a vida pessoal de quem quer que seja só interessa a ele mesmo, quem conhece Esmeraldo só poderia mesmo rir dessas histórias ridículas. E sentir uma enorme pena daqueles que se preocupam em dizer e espalhar coisas desse tipo.

Para quem conviveu com Esmeraldo, para quem procurou entender a incrível força que movia aquele negro enorme e afetuoso, fica a dúvida: qual a razão desses boatos? Como acreditar nos homens que batem no peito e dizem que lutam pela democracia, por uma vida melhor, se é assim que eles agem, se são essas as armas que utilizam? Ninguém pode nomear-se defensor dos interesses do povo se não consegue nem mesmo manter o próprio equilíbrio.

No último debate de que Esmeraldo participou, perguntei-lhe se o fato de ter recusado entrar na Justiça com a tese sobre a autonomia poderia ser caracterizado como falta de coragem. A pergunta tinha endereço certo: diversos membros do próprio partido o estavam acusando de ter fugido à luta. E o que ele falou então é algo que deveria ser respeitado por todos os habitantes de Santos: "É preciso me conhecer melhor. Não vou aqui fazer divulgação da minha história. Em matéria de coragem, ainda acho que dou exemplo nesta cidade".

Dava muitos outros exemplos, como um que seu filho Esmeraldinho deverá guardar sempre: "Qualquer um poderá ser melhor ou mais inteligente que você. Mas nunca mais honesto".

E, com relação às pressões de candidatos também a deputado estadual, apenas comentava: "Não tem importância, dará para eleger todos".

Essas pressões tornaram-se conhecidas, e na inauguração do seu comitê — sem a sua presença — Nelson Fabiano Sobrinho falou, em tom de confissão: "Foi um impacto que nos fez meditar. Fazer um balanço da nossa adversidade. Você, Esmeraldo, nos fez pensar na necessidade de estarmos juntos, acima de quaisquer divergências".

UMA LUTA SEM FIM

A vida de Esmeraldo é a própria história de Santos e, como citou Mário Covas, do próprio povo brasileiro, a começar pelas dificuldades em estudar, crescer, se manter vivo e resistindo. Eleito em 1968, foi cassado em 1969. Um negro não poderia atrever-se a ser o prefeito de Santos...

Na época, o presidente Costa e Silva mandou perguntar a Esmeraldo de quantos mil cruzeiros ele precisava para ajeitar a sua vida, financeiramente. E ele respondeu — e anos depois lembrava com justo orgulho — o seguinte: "O

que eu preciso não quis a minha liberdade de pensar".

O negro altivo, sim, orgulhoso também, que cantava em boates durante a cassação, para ganhar dinheiro e também por puro prazer, desafiando boleros e canções românticos com sua voz grave. Mas um negro que nunca desistiu de luta alguma, que foi preso pelo Governo e que, mesmo ameaçado, saiu às ruas em 1974, fazendo campanha para companheiros do então MDB.

Continuou andando de cabeça erguida pelas ruas da Cidade, demorando às vezes mais de uma hora para ir de uma esquina a outra, tantas as pessoas que paravam para conversar qualquer coisa, dar-lhe um abraço.

Continuou alimentando a vontade e o sonho de subir as escadarias da Prefeitura, como prefeito eleito, novamente. Mas a autonomia não veio.

E o ciclo recomeçou: candidato a deputado estadual, presidente do PMDB santista e, ainda e sempre, advogado. Visitas, palestras, providências, discursos, contatos, conversas. Mostrava-se preocupado com a sua eleição, mas estava mais preocupado ainda com a eleição de alguns companheiros.

Até que o corpo não aguentou mais.

Quantos sofrimentos um homem deve enfrentar antes que possa viver de forma tranquila?

No hospital, quando os sedativos permitiam, mostrava-se lúcido, com todos os reflexos perfeitamente em ordem. Chegou a pedir cigarros e distribuir folhetos de propaganda entre os médicos, enfermeiras, pacientes e visitantes. E ganhou diversos votos. Quando a candidata a vereadora Iara Magalhães entrou na CTI, ouviu dele uma preocupação: "Você vai se eleger?"

Agora, precisamos conviver com a realidade.

A política de Santos desabou, pois Esmeraldo era a nossa maior figura, mesmo que muitos assim não quisessem. Ou não admitissem, teimosamente. A Cidade está acéfala, todos os políticos santistas perderam a sua consciência maior e mais constante. Algumas pessoas estão órfãs, além de Esmeraldinho e Débora. Não é, Iara? Estamos sim.

Mas que ninguém esqueça: essa Cidade sempre foi dele.

E sempre será.

Extraído do
jornal "A Tribuna"
da cidade de Santos,
(SP), pág. 06,
de 11-novembro
-1982)

anpv/07/83